



O IMPOSSÍVEL DO TRAUMA E O INFAMILIAR: APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE NO ROMANCE *QUEM FAZ GEMER A TERRA*.

THE IMPOSSIBLE OF TRAUMA AND THE UNCANNY: APPROXIMATIONS BETWEEN LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS IN THE NOVEL *QUEM FAZ GEMER A TERRA*.

**Caroline Sidineia
Kochenborger***

**Viviane Aparecida
Pandolfo Debortoli****

* carolinesk.psi@gmail.com
Psicóloga, pós-graduada em Psicanálise. Durante a graduação em psicologia atuou como pesquisadora pelo CNPq de 2017 a 2019. Cumpriu estágio não obrigatório na Gerência Regional de Saúde de São Miguel do Oeste/SC (GERSA), trabalhou como assistente de biblioteca Serviço Social do Comércio de Santa Catarina (Sesc-SMO). Atualmente trabalha como psicóloga de grupos no Serviço Social do Comércio de Santa Catarina (Sesc-SMO) e como Psicanalista na clínica Sigs, ainda, é membro fundador do grupo de estudos "A Outra Cena"; é aderente APOLa e participante de seus grupos de estudos voltados à psicanálise.

** viviane.debortoli@hotmail.com
Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestra em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras Pela UNIJUÍ. Professora efetiva da rede estadual de educação do Rio Grande do Sul. Professora de redação em curso pré-vestibular para medicina.

RESUMO: Este artigo pretende conjecturar, por meio da análise da obra *Quem faz gemer a terra*, de Charles Kiefer, questões de interesse tanto à psicanálise quanto à literatura. Delineia-se um paralelo entre questões como representações do trauma, encontro com o infamiliar e articulações da infância com a perversidade e a culpa. Percebe-se um caráter indizível ao trauma, subjetiva a cada sujeito, na sua elaboração única de tempo e espaço perante à rememoração do primeiro tempo do trauma, sempre infantil. Também, no que tange ao trauma, fica notória sua condição de impossibilidade que é tanto matéria quanto resultado do próprio encontro com o indizível da falta de significação.

PALAVRAS-CHAVE: Trauma; Infamiliar; Literatura; Psicanálise; Charles Kiefer

ABSTRACT: This article intends to conjecture, through the analysis of the book *Quem faz gemer a terra*, by Charles Kiefer, matters of interest to both psychoanalysis and literature. A parallel is drawn between issues such as representations of trauma, encounters with the uncanny and childhood articulations with perversity and guilt. An unspeakable character to the trauma is perceived, subjective to each subject, in its unique elaboration of time and space in the face of the remembrance of the first period of the trauma, always infantile. Also, with regard to trauma, its condition of impossibility is notorious, which is both a matter and a result of the very encounter with the unspeakable of meaninglessness.

KEYWORDS: Trauma; Uncanny; Literature; Psychoanalysis; Charles Kiefer

INTRODUÇÃO

O romance *Quem Faz Gemer a Terra*, do escritor Charles Kiefer, foi lançado em 1991 e apresenta a narrativa de Matheus, integrante do Movimento dos Sem Terra, que assassinou com um golpe de foice um policial da Brigada Militar no centro de Porto Alegre em meio a um confronto entre os colonos e a Segurança Pública. A narrativa ocorre quando Matheus está há três anos encarcerado, e o relato é feito a um interlocutor que se subentende ser seu advogado. Além do ato que o levou à cadeia, o personagem, que é também narrador, fala de sua infância, e questiona-se das circunstâncias e experiências que deram gênese a um estranho dentro de si, o assassino. A narrativa tem por base um fato que ocorreu na realidade e que posteriormente foi adaptado ao teatro.

Diante disso, o que se pretende conjecturar por meio desta análise são questões de interesse tanto à psicanálise, quanto à literatura, pois, de acordo com (BELLERNIN NOËL, 1978), ambas visam uma leitura do homem em sua vida cotidiana e na sua construção histórica. Cabe ainda, na construção deste elo entre literatura e psicanálise, dar ênfase às representações do trauma ou à impossibilidade destas. Serão aplicados conceitos da psicanálise a um personagem fictício, levando-se em consideração não apenas verossimilhança, como também a prerrogativa de que o

personagem, embora ficcional, tenha ações, reações e percepções idênticas às humanas, mas nunca perdendo de vista que ele existe num mundo diegético.

Parte-se da ideia de que a literatura pode ser tida como um receptáculo de parte do inconsciente. Como adverte Jean Bellernin Noel, é interessante que se preserve a noção de que o poema sabe mais do que o poeta, e neste sentido, exprime e captura aquilo que falta à representação, visto que ao falar da coisa já se prevê a morte da coisa; percebe-se este limiar entre o silêncio e a letra, entre latente e manifesto. Advertidos desta impossibilidade de análise entre sentido, sentimento, linguagem e escrita, delineia-se um ensaio do que pode vir a ser, na história de Matheus, e somente nesta, a associação entre culpa, perversidade, infância e trauma.

Como a psicanálise opera sobre o discurso, sobre a linguagem, pontua-se enquanto objeto de estudo tudo aquilo que se encontra escrito na obra e são construídas hipóteses sobre aquilo que foi considerado significado e não escrito. Desta forma, alguns elementos merecem destaque na estrutura do texto, desde, por exemplo, a epígrafe extraída do ensaio filosófico de Albert Camus sobre o mito de Sísifo¹. Na narrativa grega de Sísifo, o personagem é condenado a empurrar uma grande pedra até o topo da

montanha, mas antes de chegar lá essa pedra sofre a influência de uma força que a empurra para baixo, o que o obriga a repetir constantemente, e por toda a eternidade, a atividade. Essa epígrafe é bastante simbólica, pois representa compulsão à repetição. O movimento repetitivo que não leva a lugar algum pode ser aproximado, pontualmente, à condição do personagem presidiário, que cotidianamente convive com a culpa e o remorso por ter tirado a vida de outro homem, mas que embora carregue o peso do arrependimento se vê preso a um passado que tal qual um Deus tirano o condena diariamente. Também como no livro de Camus o personagem reflete sobre a absurdidade da vida, especialmente porque sabe que no cárcere seus dias são contados em números, e impedem certa possibilidade de escolha das experiências de sua vida ou em algo próximo ao que o personagem entenda por uma vida com significação.

QUEM FAZ GEMER A TERRA E A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA.

Para delinear timidamente o que vem a ser o trauma em psicanálise, importa destacar os postulados de Freud (1916-1917), segundo os quais tornar-se sujeito depende da linguagem, e é aí onde reside o primeiro ‘trauma’ do humano, em sua inscrição no campo da linguagem. Para compreender melhor essa prerrogativa é necessário

1. Personagem da mitologia grega condenado a empurrar por toda a eternidade uma pedra até o topo de uma montanha, a qual, movida por uma força, descia montanha abaixo quando estava perto do topo e que por isso tinha que ser conduzida novamente por Sísifo.

retornar ainda mais no estudo de Freud acerca do que se compreende por trauma. Freud (1893-1895), nos estudos sobre a histeria, apoia-se em sua formação médica e empresta o termo “trauma” da neurologia, onde traumatismos sugerem danos de tecidos cerebrais que provocam rupturas no seu funcionamento. Neste sentido, Freud (1893-1895) compreende a linguagem como um tecido não orgânico e o trauma como uma possível ruptura do tecido linguagem. Tal prerrogativa extrai o trauma de sua etimologia grega “ferida”, ferimento e o compreende como um vazio de significação, de linguagem. Familiarizados com isso, é possível perceber que, assim que o sujeito se apropria da linguagem, faz-se necessário um ajustamento entre o que quer dizer e o que efetivamente diz, o que muitas vezes a linguagem não consegue expressar. Isso está concatenado com o pensamento de Foucault, para quem “a linguagem não pode representar o pensamento, de imediato, na sua totalidade; precisa dispô-lo parte por parte segundo uma ordem linear” (FOUCAULT, 2007, p. 113), prevendo um impossível à linguagem que Melman, pontuando Lacan, corrobora:

Falar das leis da linguagem é, então, evidentemente, se referir primeiro à lei do Simbólico, enquanto cada elemento da linguagem é símbolo dessa pura perda. Mas a essa dimensão do Simbólico devem-se acrescentar, como nos convida Lacan, as

dimensões do Real e do Imaginário: a do Real vem conceitualizar esse fato de que existe um espaço resistente à formalização, um impossível de dizer; a outra, a do Imaginário, remete a essa capacidade que temos de dar uma forma ao que vem responder à perda, a essa pura falta (MELMAN, grifo nosso, 2003, p.89).

Em psicanálise a articulação entre simbólico, real e imaginário é o que dá origem ao sujeito, mas que só pode se constituir através da linguagem. Reside aí o trauma como instaurador do *Spracheapparat* (aparelho de linguagem) que funda uma escrita corporal, que dá gênese à diferença entre eventos, internos (emocionais) e eventos externos (experimentados pelo corpo), o que mais tarde será cunhado por Lacan em sua noção de extimidade (Lacan, 1959-60, p. 173). Tal diferenciação pode ser sublinhada em diversos discursos do protagonista Matheus, quando fala de seu corpo, mais especificamente sua mão, como algo estranho, externo a si; a mão de um assassino que o acompanha num encontro com o infamiliar, como se observa em: “estendo essa minha mão direita e passo ela na cabeça do Pedro, mas ele grita: “Tem sangue, tua mão tem sangue!”” (KIEFER, 1993, p. 16). Nesse relato sobre um sonho que teve, percebe-se que Matheus faz referência ao assassinato como marcado em sua mão, não em todo seu ser. Já em outro ponto, nas memórias da infância, cita sua mão como a agente de descarga da raiva: “Me subiu

um troço pra garganta, uma vontade de bater nele, descarregar a raiva que estava sentindo. Aí agarrei ele pelos cabelos e dei nele com essa minha mão aberta” (KIEFER, 1993, p. 31). Outra cena de grande importância em que Matheus se questiona sobre suas inclinações para a perversidade é quando o mato perto da casa da família pega fogo e um gambá que esteve no meio das chamas consegue fugir e se depara com Matheus, este ainda criança.

“Um gambá!”, gritou o meu irmão de repente. O bicho parou. Não sabia se atravessava ou não. De repente ele se veio. [...] Eu levantei foice, eu levantei a foice, mas o pai segurou ela no ar. “Depois do que ele passou naquele inferno tu ainda tens coragem?” Eu baixei a foice e o gambá passou quase encostando na minha perna, mas não mijou (KIEFER, 1993, p. 38).

Através destes trechos, nota-se que Matheus, em sua narrativa onde não há divisões claras sobre passado e presente, rememora diversas experiências de perversidade em que atribui à sua mãe como realizadora desses atos.

Ainda, no que concerne ao texto, postula-se então que o trauma deve ser observado em uma noção de espaço, corpo atravessado por linguagem, e tempo. Em relação ao tempo designa-se como dois encontros com o traumático, em que

o segundo efetiva o trauma e o primeiro é um deparar-se com o indizível, com o horror do desamparo primordial. Toda a narrativa de Matheus parece uma busca de localizar seu primeiro encontro com o estranho dentro de si, no caso dessa narrativa, o assassino, articulando através da linguagem e do corpo representado pela mão aquilo que para ele é indizível. Talvez resida aí a impossibilidade do narrador-personagem para representar o trauma.

ESTE É MEU CORPO, TOMAI E COMEI.

A partir da ótica das referências à mitologia no texto de Kiefer, observa-se a tese defendida por Perrone-Moisés (1978) sobre a condição intertextual da literatura. Segundo ela

Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras do passado com a Bíblia, com os textos greco-latinos, com as obras literárias imediatamente anteriores, que lhes serviram de modelo estrutural e de fonte de “citações”, personagens e situações (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 59).

Dessa maneira, é possível identificar aspectos semelhantes entre Sísifo, o personagem mitológico, e Matheus,

o personagem do romance, e mais precisamente ainda com o fato real que deu suporte ao enredo, embora na realidade não tenha sido elucidada a questão da autoria da suposta degola. Mesmo que o objetivo deste texto não seja comparar obras, cabe destacar uma correspondência entre o nome de alguns personagens do romance e de personagens bíblicos. Figuram no romance de Kiefer nomes como Matheus (narrador-protagonista), Pedro (irmão), Moisés (pai), José (filho), todos esses constantes na Escritura Sagrada, a qual era bastante presente na vida do menino Matheus e que está, inclusive, no primeiro parágrafo do romance.

Uma história tem começo? A Bíblia sei que tem, mas começa do começo dos começos. Eu não tenho tanta pretensão, bazófia é pra pascácio, a mim e basta a história miúda, o rés do chão. O ar do alto é pra montanha, eu sou parte da canhada (KIEFER, 1993, p. 11).

O excerto expõe, além da referência bíblica, algo expressivo nas narrativas que tratam de eventos traumáticos, que é a dificuldade em começar a narrar; o que pode ser articulado ao conceito de recalque (1915) em psicanálise, visto que o traumático não concerne ao acontecimento em si e sim em relação ao afeto que se liga à fantasia do sujeito sob o ocorrido, principalmente porque o primeiro

tempo do trauma é recalcado, o que parece ser a busca de Matheus durante toda a narrativa.

Falar compreende bordear esse vazio de significação e, portanto, pode ser considerado o local onde o mecanismo de recalque promove sua função, já que quanto mais amiúde se mostra o sujeito de seu vazio, maior sua angústia e seu afeto de pavor, de morte eminente, atuando o recalque enquanto mantenedor de certa homeostase psíquica e, conseqüentemente, de resistência à via da fala, tudo isto num viés interno.

Considerando que o narrador-personagem de *Quem Faz Gemer a Terra* esteve na iminência da morte do corpo, e só não foi ele a vítima porque acabou sendo o algoz, é significativa a representatividade de uma narrativa que ele não sabe por onde começar, visto que “o trauma dilui os contornos do ser social. O corpo carrega o espectro ou é o espectro que carrega a servidão de um corpo que já não coincide com ele?” (BRAUNSTEIN, 2006. p. 1). Percebe-se nesse trecho de Braunstein a ruptura do corpo enquanto falante, das dimensões entre interno e externo, citadas acima. Assim, a dificuldade de transformar afeto em palavra pode estar intimamente articulada à experimentação do indizível, onde as palavras dão lugar a um silêncio

ensurdecador, no absurdo de existir em um corpo que precisa organizar seus afetos em linguagem para existir.

Hegel propõe que “O primeiro ato pelo qual Adão constituiu seu domínio sobre os animais foi o de dar-lhes seus nomes, pois eles foram anulados como existentes e tornados ideais” (1986, p. 201). Assim, talvez o primeiro ato de Matheus para a apropriação de seus afetos seja nomeá-los, para torná-los então objetos diante de si. Mas como seria representar a morte, o assassinato? É possível? A linguagem comporta o sentimento?

Para a psicanálise, o corpo só é corpo enquanto falante, não seria então a carne que se fez verbo? Talvez resida neste ponto a dissociação entre palavra e realidade. Caldas (2015), citando Freud, propõe que “falar é relevante para conter o desamparo e o horror radical vivido no trauma. Mas é preciso tomar a fala, justamente, pelos furos, e não pela clareza de comunicação” (CALDAS, 2015), assim como nas entrelinhas do texto.

Considerando que os rastros das vivências traumáticas são detectadas mesmo tendo passado bastante tempo, é pouco provável que as narrativas terão um fim, aquele final tradicional que se entende como a solução para o problema apresentado ao longo do texto, visto que a

noção de fim para um trauma compreende sua elaboração e não sua dissolução.

Você, no meu lugar, contava o fim no início? O início no fim? Começava a história com o fio da foice, o baque surdo da lâmina no pescoço do soldado, a correria dos colonos pela praça, as bombas de gás e as pedradas? Ou vinha de longe, sestrosos, e principiava pelo meu grito, dor de bicho nenhum conhecido, que eles já nascem plantados sobre quatro patas, listos pro caminhar e viver? E então? Vai querer a história reta, redonda ou em vaivem? (KIEFER, 1993, p.11)

Conforme se observa no parágrafo de abertura, o próprio narrador sente essa desorientação ao externar seu sentimento em relação ao momento que mudou completamente sua vida. Até segundos antes do homicídio, Matheus se percebe no atravessamento de sua história, desde menino, com esperanças no futuro, laços afetivos, memórias e emoções, mas no momento em que empunhou uma arma para salvar a própria vida ao mesmo tempo em que tirou a vida de outrem, passa a se ver como alguém que deixa para trás a pessoa que acreditava ser e passa a ser, aos olhos da justiça, o assassino do brigadiano na praça de Porto Alegre, onde se vê reduzido ao seu ato. Um momento crucial como a escolha entre a vida e a morte não deixa de se configurar em uma situação de trauma, visto

que “o traumatizado é um sobrevivente, um ser que, de forma metafórica, tomou o lugar de um outro que vivia anteriormente, que poderia ter morrido, mas não o fez” (BRAUNSTEIN, 2006. p. 1); no romance, esse *outro* que tomou o lugar do anterior é quem narra a história. Ou seja, *Quem Faz Gemer a Terra* é tentativa de sobrevivência da personagem, que vê através da narrativa oral ao seu interlocutor uma possibilidade de reorganizar, ainda que bastante subjetivamente, um pouco do que aconteceu.

É interessante ressaltar que quem sofre a punição pela degola é o corpo de Matheus que, foi privado de liberdade; contudo, as consequências da punição não recaem só sobre este “A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; alma, prisão do corpo” (FOUCAULT, 1997, p. 32); portanto, a punição do corpo também sugere uma punição da mente, assim como o que acontece em Sísifo, que também tem em seu corpo as marcas da punição por seus atos.

Ainda nesse paralelo é encontrado o sacrifício do corpo enquanto remissão, visto que Jesus Cristo entrega seu corpo enquanto símbolo de si, no cálice e no pão, “A cerimônia cristã da Sagrada Comunhão, na qual o crente incorpora o sangue e a carne do Salvador, repete o conteúdo da antiga refeição totêmica [...]” (FREUD, 1939, p. 107), que também aparece no romance quando Matheus come a camisa que

usou para representar o luto pela morte do pai: “[...] chorei até cansar [...] Daí levantei, tirei a camisa e rasguei ela em mil pedacinhos. O tecido estava tão gasto que nem precisei fazer força. Peguei um pedaço e meti na boca, mastiguei e engoli” (KIEFER, 1993, p. 80). Na narrativa, pode-se fazer uma referência ao banquete totêmico, onde a ingestão do pai dá um sentido de identidade, de pertencimento. “O banquete canibal totêmico é inseparável da identificação com o pai; comer não é somente destruir, é tomar posse” (FREUD, 1920-1923, p. 100); neste viés, comprova-se a identificação com o pai nas falas seguintes do narrador personagem: “Se eu deixava um bigode, ia ser ele escrito, sem tirar nem pôr” (KIEFER, 1993, p. 82).

Isso retoma ao infamiliar como aquilo que não está identificado. Parece que Matheus procura em seu clã (pai, fata) o pertencimento de sua perversidade; contudo, percebe que talvez a experimentação do infamiliar ocorra antes da experimentação do que é familiar; o estranhamento de si como anterior à identificação. Freud no livro *Das Unheimliche*, de 1919, propõe que essas forças estranhas e familiares não compõem uma oposição simples e constantemente se instabilizam. Ainda, Freud refere esta experiência de encontro com um narcisismo não superado e uma resistência à castração.

PERVERSIDADE, CULPA E INFÂNCIA

O protagonista de *Quem faz gemer a terra* se mostra oscilante entre sentimentos ambíguos, que sugerem uma incongruência interna, onde operam questões morais e pulsionais: “[...] em nosso Eu se desenvolve uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele” (FREUD, 1920/2011, p. 67). Freud (1940) ainda explica que cada vez que o indivíduo se depara com uma vivência tida como horrível estabelece-se uma prevalência da pulsão de morte, que pode originar uma defesa. Em *Divisão do eu nos processos de defesa*, Freud (1940/1975) postula o horror como o encontro com a castração, onde o sujeito é submetido ao ordenamento de se submeter ao perigo real e abrir mão da satisfação da pulsão ou transfigurar a realidade a fim de manter a satisfação da pulsão. O encontro com a castração configura-se em um encontro com a morte, como sugere Gonçalves (2001) “O medo da morte é análogo ao medo da castração; logo a angústia de castração pode ser definida como uma reação a situações de perigo e ameaça à integridade do sujeito” (GONÇALVES, 2001, p. 2).

É de condição notória que toda a narrativa de Matheus orbita entre a submissão, muitas vezes latente enquanto impotência, o perigo real e a sua vontade, como descrita já na primeira página do romance: “Se um sempre fazia tudo nos rompantes da vontade, a vida era um guerrear

sem fim; se sempre se podia fazer as coisas pensadas, desgraça não havia. A hora da raiva é a hora da cegueira” (KIEFER, 1993, p. 11). Belo e Bacelete (2013) baseado em Bonnet (2008) demonstram que, na posição perversa, existe uma dificuldade em integrar o sentimento de raiva ao ego e, na tentativa de inverter a posição submissa que se encontra, submete o outro, o que encontra correspondência na narrativa, que pode ser visto em “Sim, eu levantei a foice, não nego, [...] o sol bateu no aço, o sol bateu no aço limpo, o sol bateu no sangue” (KIEFER, 1993, p. 12).

Em distintos fragmentos é possível reconhecer o sofrimento resultante do horror da morte. Braunstein (2006) assegura que “conhecemos o padecer desses sobreviventes graças ao testemunho daqueles que passaram pela experiência assustadora do encontro com um real inominável e irrepresentável” (p. 10). Esse pressuposto é bastante evidente no fragmento a seguir, em uma das falas do narrador-personagem: “Você não esteve lá, não sabe como foi. Eu lhe digo: uma guerra de verdade. Num lado, os colonos, com enxadas, facões e foices; no outro, os soldados, armados de fuzis e metralhadoras, bombas de gás e cassetetes” (KIEFER, 1993, p. 56).

A comparação do acontecimento com uma guerra revela a intensidade do horror e do pânico que Matheus

parece ter experimentado, especialmente pelo caráter imprevisível e impulsivo em que decorreram os acontecimentos, dando novamente a ideia de impotência. “Ninguém pensou que no centro da cidade, com tanto povaréu por perto, fosse acontecer a guerra” (KIEFER, 1993, p. 56).

Quanto à perversidade, ela difere da perversão, sendo a primeira um traço e a segunda uma estrutura perversa. No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) estuda as origens da sexualidade humana e a compreende para além da procriação, demonstra objetos de satisfação mutáveis e estabelece o traço perverso da sexualidade como universal. Cabe ressaltar que a sexualidade concerne às pulsões sexuais que atravessam o sujeito desde a infância: “impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversão algo que é universalmente humano e originário” (FREUD, 1905, p. 180). Portanto, a perversidade enquanto um traço é de ordem universal ao ser humano e tem suas gêneses na infância, no que foi descrito por Freud em sua concepção de perverso-polimorfo; já a estrutura perversa “trata-se de um modo de estabelecimento de laço com o Outro. Assim como a neurose e a psicose, a perversão é uma modalidade de resposta ao confronto com a diferença sexual e com a falta do Outro” (GONÇALVES, 2001, p. 2).

Todavia, cabe ressaltar que Matheus parece estar muito mais inclinado a utilizar uma posição perversa como defesa diante da experimentação da raiva, raiva esta diante daquilo que o horroriza e subjuga, do que de se articular a uma estrutura perversa, o que é evidenciado no trecho: “Mentira era dizer que matei o soldado sem querer, que essa minha mão direita levantou a foice sem comando, e outra mentira o alardear que estava o acontecido em mim planejado, com querência e fanfarrice” (KIEFER, 1993, p. 11).

Portanto, parece existir um gozo em se fazer instrumento da lei moral, próximo a uma ideia de legitimidade de suas ações violentas com as injustiças vividas na infância. Ainda, é possível que sua fantasia de mantenedor de certa lei através da violência se articule com a projetividade de experiências injustas nos objetos em que o protagonista relaciona com a injustiça, como se esses objetos personificassem o significante da injustiça e devessem ser combatidos. Isso se faz evidente na diferença entre a raiva que sentiu de Solano, rapaz que engravidou e abandonou sua irmã: “Eu vi que ele tinha agarrado uma pedra, na hora do tombo. ‘Larga, senão te estrebuchou’, eu disse e tirei a faca da cintura” (KIEFER, 1993, p. 99), em que é possível perceber a ideia de injustiça, e por outro lado a carneação da novilha para seu casamento: “Na hora de matar a novilha, essa minha mão direita tremeu [...] eu

não enfiei a faca, cortei só a veia grossa [...] eu senti um frio na barriga [...] saí de perto eu tinha feito minha parte” (KIEFER, 1993, p. 84), em que Matheus se vê como o agente de injustiça e não suporta, como também não reconhece sua característica.

A culpa é estudada por Freud em quase todas as suas obras e tem grande relevância para a Psicanálise. Em *Mal-estar na civilização* (1930), o autor postula que a violência e a culpa são fatores que dão origem à cultura; enquanto o primeiro é inerente ao ser humano, a segunda surge como normatizadora deste aspecto destrutivo dos indivíduos. Neste sentido, é possível perceber que a culpa em Matheus surge de forma secundária ao ato de violência, já que não normatiza o primeiro. Contudo, a culpa também se instaura como um gozo, uma satisfação. Se, como citado anteriormente, por um lado Matheus encarna a lei, por outro ele próprio a transgride e, portanto, precisa ser punido, funcionando a culpa como um gozo, o que faz reverberar a afirmação de Lacan (1999), segundo o qual “Tu és aquele a quem odeias” (p. 504).

A culpa também está intimamente ligada à castração, onde o desejo incestuoso da criança é interditado pela função paterna, que instaura a lei. O reflexo desta lei dá origem ao sentimento de culpa, culpa esta ligada

ao desejo incestuoso: “uma vez que Édipo é um imperativo de canalização de desejo para que se possa viver em sociedade, carrega a culpa de proporcionar um desejo proibido e, ao mesmo tempo, de não poder realizar tal desejo” (GONÇALVES, 2019). Em Matheus é perceptível uma resistência à castração, visto que procura maneiras de burlar a lei e justificar seus atos, o que é evidente no trecho a baixo.

A vida é sempre uma encruzilhada, você toma um caminho e perde outro. Ia ser bom se você podia tomar os dois ao mesmo tempo. Ou, então, voltar atrás e refazer o malfeito. Eu, se podia, uma coisa eu consertava: não tinha matado o soldado. Na hora da raiva, fiquei cego – e tinha mais o calor, os tiros, o sangue, a gritaria, o ardume do gás nos olhos e na garganta (KIEFER, 1993, p. 52).

O fragmento acima expõe a tentativa deliberada de o narrador-personagem burlar a castração. Veja-se em “Ia ser bom se você podia tomar os dois ao mesmo tempo” (KIEFER, 1993, p. 52); Matheus não dá lugar à falta que simboliza a castração “[...] aceitar tê-lo, quando ele o tem, e não tê-lo, quando não o tem” (LACAN, 1999 p. 499).

A partir disso, percebem-se as articulações dos traços perversos e da culpa como constituintes de Matheus

desde sua infância, visto que trazem sua gênese no berço da constituição de sua personalidade e implementam seus efeitos na vida adulta do mesmo.

O IMPOSSÍVEL DO TRAUMA

Em conformidade com o primeiro capítulo está o último que, assim como o de abertura, reflete acerca da dificuldade de contar uma história cheia de brechas, vazios que não segue uma ordem linear no enredo.

Antes de você partir, me diga: contar não é como seguir por um estradão que se espalha pelo tempo com as curvas de um rio, o estrondo das cascatas e a modorra manhosa das enchentes? Principiei de um jeito, enveredei por outro. Fui e vim, feito folha em rodadoiro, me enredei na espuma. Não lhe contei tudo, é verdade, mas uma história tem fim? (KIEFER, 1993, p. 114).

Ou seja, o enredo é uma alegoria da condição do personagem. Uma história não linear, com espaços vazios, em que a prisão do corpo na qual está o narrador-protagonista pode ser entendida como uma extensão da prisão mental na qual ficou enclausurado a partir do momento em que se deparou com o estranho dentro de si. Segundo ele, “as lembranças vinham de cambalhada, feito linha de anzol quando se enrola. Nestes três anos, trancado aqui, tive tempo para botar ordem em tudo” (KIEFER, 1993, p.

12). A intensidade com que o fluxo dos pensamentos se impunha logo após o ocorrido revela um aspecto defendido por Braunstein (2006), segundo o qual “todos tivemos vivências traumáticas que deixaram distintas espécies de impressões na alma: recordações, neuroses de susto, repressão, forclusão” (BRAUNSTEIN, 2006, p. 2). A constante reflexão revela a condição de algo que não se deixa esquecer. As lembranças são a materialidade da existência do que traumatizou, ou seja, “o que se foi não desaparece: o buraco que fica no seu lugar, um buraco povoado de fotografias e reflexões, o comemora” (BRAUNSTEIN, 2006, p. 6). A recordação enraíza, é como se ela trouxesse à tona algo que poderia ter ficado encoberto: “De primeiro, nem consegui pensar, olhava para esta minha mão direita e chorava: eu tinha matado um homem. Depois, fui calmando. Agora, já posso falar. Cada vez que conto minha história, vejo ela melhor. Contar clareia” (KIEFER, 1993, p. 12).

Impossível não perceber o paradoxo causado pelo indizível, pois, ao mesmo tempo em que resiste, a narração exige uma representação. O inconsciente pulsa e urge a necessidade de transferir para fora de si o que não encontra sentido internamente. E assim se verifica um aspecto substancial em narrativas cujo tema engloba as tentativas de relato do trauma, que é o lugar do narrador. Cumpre

observar que textos em que o narrador é o próprio protagonista tem um cunho representativo muito maior no sentido de aproximar o fato do relato, notadamente como é caso do romance utilizado para essa análise.

O relato autobiográfico aspira a ser metonímico, a colocar-se na continuidade de quem o escreve: a permanência suposta do escrito transcenderia a transitoriedade do autor. O testemunho viveria no lugar da testemunha (...). Houve substituição: ele, o traumatizado, é a metáfora de outro que não é nem está (BRAUNSTEIN, 2006, p. 10).

Assim, o relato de Matheus sugere um homem atual falando de seu anterior na tentativa de resgate e compreensão deste sequestro de si, pois ao mesmo tempo em que perde seu local familiar se depara com o infamiliar em seu próprio discurso: “E eu, quando conto, me vejo fora de mim: eu não sou eu, sou outro. Gosto do outro que eu me sou. Quem conta é o outro? Eu me sou no que ele conta?” (KIEFER, 1993, p. 12). Enquanto fala-se do trauma, fala-se de um outro que o vivenciou, e que já não existe mais. Criar um mundo para este novo homem, que surge a partir do encontro com o seu estrangeiro, configura uma tentativa de pertencimento, para que este não seja também aniquilado, um pertencimento do novo homem na linguagem.

Considerando que o trauma é uma fantasia do traumatizado em sua ordenação de tempo e espaço singular, a profundidade de sua significação é impossível de ser representada, embora o fato que causou o trauma sim. Assim, o ato enquanto circunstância até pode ser narrado, mas não suas afecções, de efeitos singulares e articulados à fantasia de quem viveu. Matheus vivencia o trauma do encontro com o infamiliar, do encontro com o Matheus assassino, que até então se mostrava presente apenas em seus acessos de raiva, mas antes disso Matheus se depara com a sua morte, e este encontro é o encontro com o humano, “a morte é, então, o limite de uma função histórica, a maneira que o sujeito encontra para definir sua historicidade” (CASTILHO, 2008, p. 411). Ainda que a morte já tenha se mostrado presente em outras circunstâncias na vida do agricultor sem-terra, sempre foi expressa por Matheus como uma ameaça. Em um dos capítulos ele narra a morte do pai, que desfalece praticamente sem auxílio médico.

Antes de morrer, o velho Moisés arregalou os olhos e eu vi o pavor da morte lá nos olhos dele. Eu nunca vou esquecer o medo, o pedido de socorro, o espanto daqueles olhos. Os olhos do soldado eu não vi, a faísca do sol me cegou. Mas ali, no quarto de hospital, eu vi a tristeza se apagar nos olhos de meu pai. E eu, que chorava por qualquer coisa, não chorei (KIEFER, 1993, p. 75).

É possível perceber que o elemento que une as cenas do assassinato do brigadiano e o óbito do pai é a morte, mas elas se dão de duas formas bem distintas. Ao evidenciar a morte do pai, Moisés, nota-se um sentimento de impotência onde Matheus reage com raiva a isso, e da morte do brigadiano, aquela pela qual ele se vê no limiar entre matar e morrer, também configura certa impotência mas que, desta vez, a reação recai sobre o extermínio do agente causador. Ainda, neste fragmento as duas cenas se mesclam; ao destacar a descrição do que viu nos olhos do pai quando este veio a falecer, o narrador opta por deixar em segundo plano o que poderia ter visto nos olhos do soldado, caso o sol não o tivesse deixado temporariamente sem visão. Podemos supor que Matheus se retira do acontecimento, pois este é o momento em que, mesmo escolhendo matar o outro, matou a si mesmo: “a morte ou destruição do Outro através de uma demanda de morte implica na morte do próprio sujeito” (SCOTTI, 2003, p. 3). Cabe neste não dizer aquilo que se pode chamar de deslocamento em que o narrador atribuiu um valor maior a algo em detrimento daquilo que não suporta, ou do impossível de significação.

Mesmo que o traumatizado tente distanciar-se do indizível, o inconsciente onde reside o recalcado não descansa até tomar contornos de sentido. Caldas (2015) aponta que “falar do trauma é menos dizê-lo do que construir bordas

em torno de um impossível dizer” (2015, p. 05). Neste sentido, as memórias em relação ao momento traumático se fazem presentes na tentativa de encontrar pertencimento, um lugar de sentido. Se o sujeito traumático fala de um sujeito anterior ao estabelecimento do trauma, efetuado em dois tempos, ele procura dar sentido ao indizível e significá-lo; contudo, fala-se de um eu falecido que dá notícias nas representações do eu praticante. A vivência traumática permanece no inconsciente como vazia de significação, não encontrando um lugar em que possa elaborar uma cadeia de sentido, de forma que retorna sempre em forma de recordações e enquanto não simbolizada se faz faltante, expõe seu vazio. Através das lembranças, o traumatizado será sempre levado novamente ao momento do trauma; é como se o tempo tivesse se estagnado, e quando conseguisse ir adiante uma força de atração fizesse recuar e voltar ao mesmo lugar. O trauma é como um ímã, como um campo magnético que atrai a mente do traumatizado à situação do trauma. Em Kiefer (1993) isso é apresentado, visto que são recorrentes os excertos em que, em meio a outras lembranças, o personagem faz algum comentário ou rememora o momento em que ele tira a vida do policial militar.

Acordei e vi que tinha dormido na escadaria, no meio da confusão toda. Levantei e fui até à porta. Lá fora, os soldados a cavalo ameaçavam invadir a prefeitura. Na frente deles, com

uma coragem que eu não teria, meia dúzia de estudantes segurava a Constituição e cantava o Hino Nacional. O sol estava alto, passava do meio-dia. O sol batia no aço, o sol batia no aço limpo das baionetas. Lembrei do homem que eu tinha degolado com essa minha mão direita e comecei a chorar. Eu queria estar junto da minha mulher e do meu filho, no acampamento (KIEFER, 1993, p. 49).

Importa salientar que, embora o narrador-personagem narre a cena em que ocorreu o assassinato, ele não consegue reproduzir o ato e seu significado, ou seja, conta o fato, mas não alcança a intensidade do resultado que aquilo causou nele; esta falta de representação condensa certo tempo e espaço que pode ser compreendido por traumático. Na sequência do fragmento acima, Matheus passa a falar de Neusa, que viria a ser sua esposa e mãe de seu filho, José. Ele interrompe abruptamente o assunto do assassinato e segue falando de outra coisa. Mais uma vez se verifica a resistência em abordar profundamente o ocorrido; supõe-se que, ao ligar fatos de sua vida afetiva anterior ao acontecimento da degola aos ocorridos após se perceber como um assassino, Matheus não suporta a imagem de homem que passa à sua família, como num espelho em que vê um homem, um pai que não aprova; o efeito disso na narrativa remete à ideia de que o trauma é um vazio, como dito anteriormente e que enquanto

humano dotado de linguagem só é possível bordear este vazio, mas nunca preenchê-lo. Isso é transfigurado estruturalmente no texto, que é separado em diversos capítulos, que abordam questões desde a infância, mas não consegue em momento algum chegar efetivamente à representação da significância do ato de degolar o brigadiano.

As reflexões acerca do assassinato revelam um caráter impossível ao trauma. Para Braunstein (2006), não há como simbolizar o trauma, e até por isso não há cura para ele. De acordo com o teórico em questão, “a vivência traumática, não podendo se integrar no simbólico, não pode tampouco cair no esquecimento” (p. 9). As lembranças também funcionam como um mecanismo de expressar os afetos ligados a esta vivência, que buscam incessantemente uma cadeia de sentido interno.

CONSIDERAÇÕES

Percebe-se, neste artigo, que a formação do trauma é subjetiva a cada sujeito, em sua noção de tempo e espaço única; articula-se à fantasia individual e não se efetiva somente pelo fato ocorrido, mas pela lembrança do primeiro tempo do trauma, sendo este sempre infantil. O romance parece tratar da busca pelo primeiro tempo do trauma, tentativa esta que se torna vã, visto que esse momento está recalcado.

Considera-se ainda que o primeiro trauma do humano é sua inscrição na linguagem, e a conseqüente representação da experiência humana nesta. Diante do exposto, verifica-se certa impossibilidade da representação do trauma. É possível contar o fato, mas o sentimento, o momento do trauma foge a qualquer representação, e isso se reflete na fragmentação do texto, na dificuldade de seguir uma linearidade narrativa, na dificuldade em falar sobre o assunto que parece não pertencer ao passado, mas sim a um momento presente que nunca passa. A estética da narrativa do trauma é alegórica em relação ao que tenta representar.

O personagem utiliza-se de simbolismos a fim de encontrar essa representação e dar sentido a ela, como nas passagens em que narra sobre comer a camisa do pai no momento da retirada do luto e na forma em que dissocia sua mão de si próprio, delegando a ela a responsabilidade pelos atos perversos, onde articula-se ao encontro com o infamiliar. Ainda sobre a perversidade, Matheus parece estar muito mais inclinado a uma posição perversa frente à impotência do que numa estrutura perversa propriamente dita. Isso pode ser percebido por meio dos sentimentos de culpa, que produzem um gozo no sofrimento do narrador-personagem. Tais particularidades da personalidade de Matheus estão intimamente articuladas com

as vivências de sua infância e a relação com a castração, que tem um caráter desviante.

Ainda no que concerne ao trauma, fica notória sua condição de impossibilidade que é tanto matéria quanto resultado do próprio encontro com o indizível da falta de significação. Se, como dito no texto, ao falar da coisa se prevê a morte da coisa, Matheus ao falar de si fala de um Matheus falecido, talvez o homem que era antes de degolar o brigadiano, o que também confere um caráter de impossível ao ato que mata o outro e a si; cabe a dúvida sobre a capacidade humana na experimentação do infamiliar, se é possível falar do eu que ainda não pertence nem se identifica a nada, mas que se mostra nas brechas que a vida apresenta, nos afetos que atravessam o sujeito.

Por fim, é possível fazer algumas conjecturas acerca do que motivou o ato da degola, onde o narrador-personagem deixa claro durante seu relato a experimentação do infamiliar em sua mão direita, e que sente certa satisfação na punição por seu ato, quando goza na culpa. Nesse sentido, pode-se dizer que sua mão personifica o inconsciente; a violência não normatizada pela lei. Teria Matheus matado para se sentir culpado, ser punido e introjetar a lei?

O ato de degola em si, ao se dar por meio desse infamiliar que habita o inconsciente de Matheus, também pode ser lido através da influência das massas, onde os mecanismos racionais se diluem em meio à excitação dos afetos amorosos e odiosos da massificação do eu. Por mais que influenciados, não são determinantes, evidenciando aquilo que já existia no cerne do sujeito. Matar rompe a alma, cria uma ferida traumática, algo que só é possível a partir de uma estrutura de personalidade neurótica, por mais que utilizada de uma posição perversa.

A experiência de Matheus se dá pelo corpo, e no corpo, em que o protagonista busca elaborar ao longo da narrativa a confusão entre o começo e o fim, remontando a atemporalidade do inconsciente, onde a reconstituição dos “fatos”, atravessados pela fantasia, não faz mais que preencher lacunas de uma memória ilusória. Assim como o ato de matar é traumático, o encontro com o infamiliar também o é, mostrando-se não tão revelador quanto Matheus talvez julgasse, pois o infamiliar é tão estranho de si, e ao mesmo tempo tão particular.

REFERÊNCIAS

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e literatura**. São Paulo. Editora Cultrix, 1978.

BELO, Fábio Roberto Rodrigues; BACELETE, Larissa. **Sofrimento psíquico na perversão: o caso dexter**. *Psicologia em Estudo*. 2012, v. 17, n. 3, pp. 519-528. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/TsM84PSZWNDTvxdpvDLrCtS/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20posi%C3%A7%C3%A3o%20perversa%20nesse%20caso,passividade%20no%20qual%20se%20encontra..>>. Epub 23 Abr 2013. ISSN 1807-0329.

BONNET, G. **La perversion: se venger pour survivre**. Paris: Presses Universitaires de France. 2008.

BRAUNSTEIN, Néstor A. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kup-ferberg. 2006. Disponível em <<http://nestorbraunstein.com/escritos/index>>. Acesso em: 10. nov. 2018.

CALDAS, Heloisa. **Trauma e linguagem: acorda**. *Rev. Opção Lacaniana online*. Nova série. Ano 6. Nº16. 2015. Disponível em <http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_16/Trauma_e_linguagem_acorda.pdf>. Acessos em 14 out. 2021.

CASTILHO, Pedro Teixeira. **O símbolo que surge com o Pai.** Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza , v. 8, n. 2, p. 407-426, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 14 out. 2021

FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. 2. (1893-1895).

FREUD, S. **O Recalque.** In S. Freud, Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. **Fixação e traumas – o inconsciente.** “Conferência XVIII de Conferências introdutórias sobre a psicanálise”. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1916-1917).

FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1939 [1934-38]).

GONÇALVES, Davidson Sepini. **O sentimento de culpa em Freud: entre a angústia e o desejo.** *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte , v. 25, n. 1, p. 278-291, jan. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000100016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 out. 2021.

GONÇALVES, Mônica de Oliveira. **Morte e castração: um estudo psicanalítico sobre a doença terminal infantil.** *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2001, v. 21, n. 1 [Acessado 20 Outubro 2021] , pp. 30-41. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000100004>>. Epub 10 Set 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000100004>.

HEGEL, G. W. F. (1986). **Jenaer Systementwürfe I: das System der spekulativen Philosophie (Fragmente aus Vorlesungsmanuskripten zur Philosophie der Natur und des Geistes).** Hamburg: Felix Meiner.

KIEFER, Charles. **Quem faz gemer a terra.** 1993

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 5: As formações do inconsciente.** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1998)

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SCOTTI, Sérgio. **Culpa e gozo, psicanálise e literatura**.
Psicol. Reflex. Crit. 16 (1). 2003.

SUTHERLAND, John. **Uma breve história da literatura**. 1. ed.
Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

Recebido: 10/11/2021

Aceito: 12/09/2023